

A Junta de Freguesia de Matriz, Ribeira Grande, patrocinou este Suplemento

Caldeiras da Ribeira Grande

Esboço para um estudo da paisagem

Hermano Teodoro - Museu da Ribeira Grande

Coleção particular M. das Mercês B. Viveiros



Arquivo Museu R. Grande

Cronistas: vulcanismo e banhos

O Doutor Gaspar Frutuoso, no livro quarto das *Saudades da Terra* escreve sobre o aparecimento de algumas furnas no lugar ainda, hoje, designado por Caldeiras da Ribeira Grande. Em outra parte do mesmo livro descreve, com mais detalhe, o ambiente de vulcanismo activo (caldeiras, olheiros, resfolgadoiros) lá existente, este, ao que se pode perceber, espacialmente, mais alargado do que aquele que nos dias que correm lá se encontra; em simultâneo, relata pormenores da sua fauna, mormente pássaros e coelhos, e da sua flora, serra, junqueiras, silvas, “feitos”. Ainda no livro quatro, o cronista fala sobre a instalação de uma fábrica naquele local, de duração efémera, sensivelmente, entre os anos de 1564 e 1578, cujo objectivo visou a exploração de pedra hume. *Além do lugar onde disse que estivera a fábrica de pedra hume, perto de meia légua da vila da Ribeira Grande, entre ela e a serra, está uma concavidade que terá cinco ou seis alqueires de terra, cercada de umas quebradas, onde*

já se tirou muita pedra hume, de pedreiras que ali há dela; e no tempo antigo, antes de tirar dali a pedra, estavam umas caldeiras ou furnas, como covas pequenas na mesma terra, que ferviam com olhos de água e polme; mas depois que se deixou de tirar a pedra hume, se abriram estas covas doutra maneira, mais em número e mais bravas e espantosas que dantes, de tal maneira que, tirando serem mais pequenas, quase são tão furiosas como as Furnas que estão à parte do oriente [...]. (*Saudades da Terra*, Livro IV, 1998).
A primeira referência escrita que encontrámos sobre a utilização das águas medicinais das Caldeiras pertence ao cronista Frei Diogo das Chagas (n. 1584?, ilha das Flores). Na sua descrição da ex-Vila da Ribeira Grande discorre ele que existem “fogos [...] acima dela [ha] semelhantes aos das furnas, em cujas agoas, se uão também tomar banhos e alguas pessoas se achão muito bem com ellas // como eu esperimentei [sic] o Setembro do

anno 1643 [...]”. (*Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*, 1989). Mais à frente, o franciscano explicita o quanto essas águas são proveitosas para a cura de enfermidades, relatando o caso do seu transporte para o Convento de Nossa Senhora de Guadalupe (vulgo de São Francisco; dos Frades; ou até mesmo dos Terceiros), situado na entrada poente da ex-Vila, actualmente, com aparência de perfeito abandono. Frei Agostinho Monte Alverne (1629-1726), outro franciscano, micaelense, também ligado ao Convento de Nossa Senhora de Guadalupe, nas suas *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores* (Livro II, 1961), seguindo Frutuoso, escreve sobre as Caldeiras da Ribeira Grande na sua relação com a dita fábrica de pedra hume. Porém, refere que, finda aquela indústria, a ex-Vila da Ribeira Grande ficou com uma Canada cujo nome é da Mina, hoje, ainda lá existente, sendo que a mesma liga o Caminho da Tondela/Magarça (Caminho Velho das

Caldeiras) ao Largo do Cardão, local onde já existiu um Posto de Recepção de Leite, este junto da estrada empedrada que leva ao Vale. O Jesuíta Padre António Cordeiro, terceirense, em 1717, na sua *Historia Insulana*, livro quinto, quando fala *De outras Furnas, Fogos, & Tremores desta Ilha* [São Miguel], & em especial de *Villa Franca*, tendo em conta não só Frutuoso, bem como a sua própria observação (“A eftas vi eu também, ha quafi cincoenta annos, & parece que algu tanto já mudadas do que feriaõ de antes”), também releva o seu vulcanismo. No ano de 1723, uma vez mais a dar conta da utilização dos seus banhos, temos Francisco Chaves de Melo, o qual ao escrever sobre a Ilha de São Miguel refere que: “Ao Sul [da Vila da Ribeira Grande] ao pé de uma serra estão umas Caldeiras de água mui cálida e continuamente fervente, em que os enfermos tomam banhos por serem medicinais as águas dos minerais [sic]”. (*A Margarita Animada*, 1994). Em finais de setecentos, as

Caldeiras da Ribeira Grande continuam a ser procuradas para delas se usufruir das suas águas minero-medicinais. Hugo Moreira, recentemente, falecido, em artigo publicado no *Correio dos Açores* sobre “Parentes da Madre Teresa da Anunciada no Convento de Nossa Senhora da Esperança” (24.05.2001), fala sobre a existência de um documento em que “Diz Frei José do Egipto [...], morador e procurador das capelas no Convento de S. Francisco da Vila da Ribeira Grande [...], que uma légua distante da mesma Vila está um Vale, titulado das Caldeiras aonde a Divina Providência produziu águas minerais que servem de grande remédio para curar muitas enfermidades [...]”. Todavia, face às fontes compulsadas, será nos dois séculos seguintes, que as Caldeiras da Ribeira Grande se transformarão numa excelente referência quanto à sua paisagem natural e humanizada; ou seja, num espaço, verdadeiramente, histórico.

Pizza Time & CHICKEN

A melhor pizzaria da Ribeira Grande
The best pizza in the City

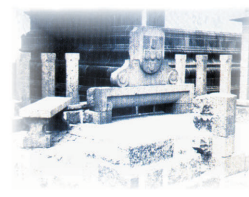
AGORA TAMBÉM EM VILA FRANCA

296 474 300 - Largo Gaspar Frutuoso - 9600 Ribeira Grande
296 587 964 - R. dos Combatentes do Ultramar, 119 (Aldeamento) - Vila Franca

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS >> CONSTRUÇÃO CIVIL

- >> Central de Britagem
- >> Fábrica de Blocos e Vigas
- >> Materiais de Construção
- >> Serração de Basalto
- >> Granitos



Estrada Regional, N° 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande
Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167

Observação

Com este esboço de trabalho pretende-se dar um contributo para a história das paisagens ribeiragrândenses. O leitor, com toda a legitimidade, poderá interrogar: porquê as Caldeiras da Ribeira Grande? A nossa resposta parte, essencialmente, sem menosprezo por qualquer outro lugar, da grande afeição que nutrimos por aquele Vale; não só por ele em si mesmo, mas também pelo complexo paisagístico, situação essa que é secular, que a partir dele irradia: Gramas, Ladeira da Velha, Lombadas, Lagoa do Fogo, Salto do Cabrito, Caldeira Velha e, mais recentemente, Porto de Santa Iria, Monte Escuro, Lagoa de São Brás. Aliás, esse conjunto de paisagens, na nossa humilde opinião, suscita grandes potencialidades para um aproveitamento no âmbito do turismo dito rural. É evidente que não esgotamos todas as possibilidades de estudo do Vale das Caldeiras. No entanto, face à multiplicidade das fontes compulsadas (escritas, orais, fotografias, observação no terreno), tentámos traçar uma rota onde, eventualmente, pensamos ajudar o leitor a atingir uma visão histórica sobre aquele deleitável Vale, em especial, durante os últimos dois séculos. Cientes do quanto este estudo se encontra aberto a um aprofundamento, esperamos contribuir para o conhecimento de um espaço que persiste, às vezes com dificuldades, em se afirmar nos roteiros daqueles que, temporariamente, pretendem “desenfadar-se do lidar da vida”, tal como escreveu, em 1865, o insigne jornalista Francisco Maria Supico.

Pitoresco e sadio

Bem a meio da centúria de oitocentos, as Caldeiras, um Vale já assumido pela importância do seu termalismo, do ponto de vista oficial são reconhecidas como zona de mato [a lembrar a “serra” dos cronistas dos séculos anteriores]. Como resposta a um conjunto de *quesitos*, mandados a todos o párocos pelo governo (1858), o Prior da Matriz da ex-Vila da Ribeira Grande, Manoel Cabral de Mello, para os *quesitos* “Tem pousios, ou charnecas? Como se denominão? e “Tem nascentes d’ agoas medicinaes? De que natureza são?”, exarou, respectivamente, o seguinte: *Tem alguns ocupando as encostas, e altos das Serras, que medirão tanto como as terras cultivadas; e são conhecidos pelos mattos das Caldeiras, Pico alto, Mulatas, e Athaydes: pertencem a particulares. [...] Tem algumas, a que chamão ferreas, e sulphureas; e possui as Caldeiras, sitio a trez quartos de legoa ao sul da Parochia, e assim chamado pelas que ali ha, e fervem continuamente, ao qual concorrem, no bom tempo, a tomar banhos muitas familias da Ilha, e de fora.* (Arquivo Paroquial da Matriz, Ribeira Grande, *Collecção de quesitos dirigidos pelo Governo aos Parochos, em 1858, Notas Para o Livro do Tombo*).

Na demanda das Caldeiras

A partir do século XIX, as Caldeiras da Ribeira Grande, assumem-se, gradualmente, como lugar de relevo, não só pelo aprazível da sua paisagem, bem como pelo uso, com fins terapêuticos, dos seus banhos termais. Elas passam a ser um *ex-libris* da então Vila da Ribeira Grande, bem como da Ilha de São Miguel. Podemos, então, reconhecer que a verdadeira demanda para as Caldeiras começou. A vereação, de 2 de Março de 1811, reconhecendo o valor do lugar e das suas potencialidades, deliberou: [...] *que em atençam ao grande bem que Resultara a todos desta Ilha e [ainda] mesmo [a] muitos estrangeiros que concorreram buscar Remedeo para a Sua Saúde; Acordarem que Sfisece [sic?] huma Casa no lugar das Caldeiras a Custa deste Conceilho [sic], onde ha muitas agoas mineraes que pasam por divercas [minas?] de [ferro?], inxofre, e outros betumes, pelos quais Se conhece a grande utelled.e [sic] que Se pudera tirar destes banhos.* (AMRG, *Acordans, 1810-1820*). Chegada a segunda década de oitocentos, a quantidade de estrangeiros, mas não só, que procuram o Vale das Caldeiras é grande. Por exemplo: Thomas Ashe, John W. Webster, Captain Boid, os irmãos Buller e Ferdinand Fouqué por lá passaram. A literatura por eles lavrada, apesar do relativismo que a mesma oferece (estados psicológicos, formação académica, sensibilidades estéticas coevas, época do ano e durabilidade das viagens, daí o cuidado no seu tratamento), torna-se fundamental para ajudar a configurar o Vale nas suas vertentes de paisagem natural (vulcanismo, veredas, arborização) e humanizada; por exemplo, caminhos, jardins, habitações, Casa de Banhos. Presumivelmente, no ano de 1811, um “Capitão de dragões”, inglês, comumente aceite como Thomas Ashe, escreve sobre os seus banhos o

seguinte: “On my arrival at the baths I Was much gratified to find that they are better attended to than the baths of the Furnas. The buildings are neat and clean, and the waters possess the most salutary qualities: they have performed miraculous cures”. Curas do tipo: reumatismo, gota e, ao que parece, lepra. (*History of The Azores or Western Islands*, 1813). Volvidos poucos anos (1817-18), o químico americano John W. Webster, na sua lavra refere que o “pequeno valle” era “rodeado de outeiros”; que os seus banhos, usados para curar enfermidades, “são muito menos frequentados do que os do Valle das Furnas”, estes apresentando “muito mais particularidades e onde as acomodações são muito superiores”. Webster faz uma descrição do modo de os preparar até à condução das suas águas “para covas oblongas, guarnecidas com lages de pedra grosseira, covas estas abertas no chão terreo de dois ou tres pequenos edificios [...], por desleixo, quasi em rui[n]jas”. (*A Ilha de São Miguel em 1821* [data da publicação], Arquivo dos Açores, 1983). No início da década de trinta (1832), Captain Boid, outro inglês, narra, de uma forma que diria cristalina, a relevar um bom gosto estético, o panorama natural que leva ao Vale, não esquecendo o seu interior, as caldeiras, os balneários, as habitações: *Ficam os banhos situados na direcção Sudeste a partir da vila, para o interior, sendo o caminho que para lá conduz muito pitoresco e interessante, ainda que pedregoso, difficil e perigoso, excepto para quem andar a pé. Leva-nos através de fendas cavernosas e barrancos, pouco melhor sendo do que um leito seco de ribeira, mas exhibe ao mesmo tempo, aos olhos do admirador da paisagem, algumas combinações panorâmicas, extremamente surpreendentes. Fizemos caminho por entre esta*



paisagem até chegarmos a um vale profundo cingido por montanhas e ao fundo do qual ficam as caldeiras, ao lado de uma aldeola constituída por oito ou nove cabanas, com acomodações pouco melhores do que as das Furnas. [No Vale] [...] encontra-se uma nascente de água fresca que, ao ser requisitado um banho, é levada por canais para as caldeiras de lama, onde, com rapidez incrível, atinge o ponto de ebulição, formando bolhas com grande violência e impregnando-se de todos os ingredientes minerais e virtudes das lamas. É então conduzida para os balneários onde se tempera conforme o calor desejado e se regula de acordo com as necessidades do doente. (Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais, Insvlana, 1951). Para os finais dos anos trinta (Abril, 1839), o Vale é visitado pelos irmãos Bullar, outros ingleses. O que descrevem oscila entre um olhar de desolação sobre a natureza e a paisagem humanizada (“tudo tem aspecto desolador”; um “triste retiro”; uma “verde solidão”; “as casas desertas, tristes e brancas, pareciam habitações de uma cidade dizimada pela peste”) e o reconhecimento de uma nota de alegria que tem como fonte a “Maria das Caldeiras”, filha do “guarda dos banhos”, “rapariga nova, activa e esperta, de cor morena, olhos

vivos, cabelo escuro e belos dentes, vestida à sua moda, de chapéu de palha redondo, com guarnição de seda verde, saía de algodão estampado e ao ombro uma bolsa branca de linho, espécie de saco de caça, onde trás as chaves dos banhos e das casas” ali existentes. A narração dos Buller estende-se a uma descrição do balneário, o qual se encontrava “aberto a todas as horas do dia”, sendo “um longo edificio, espécie de duplo estábulo, dividido em quatro compartimentos, em cada um dos quais se enterrou no chão uma banheira de seis pés de comprido por três de largo” (presentemente, dos quatro compartimentos para uso banhar lá existentes, um possui duche, os restantes banheiras); à preparação dos banhos pelo “guarda”, onde também não esquecem a composição das águas: “As águas sulfúreas destas Caldeiras não são tão ricas como as das Furnas e o caudal é relativamente pequeno e insuficiente. São, porém, mais ácidas e menos saponáceas, mas do mesmo modo revigorantes. O seu sabor faz lembrar o da água quente com fumo, levemente acidulada”. (*Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, 1986).

Francisco Maria Supico, farmacêutico e jornalista, continental (n. 1830, Lousa), redactor do Jornal ribeiragrândense *A Estrela Oriental* (1856), no seu *Almanach do Archipelago dos Açores* para o ano de 1865, relembra, de um modo sintético (coisa que Joaquim Candido Abranches fará de um modo idêntico, no seu *Album Michaelense*, em 1869), as duas grandes vertentes de vocação do Vale ribeiragrândense: as suas termas com fins medicinais, a descontração e o revigoramento que a paisagem do campo favorece: *Abundam na ilha de S. Miguel as nascentes d’ agoas medicinaes, havendo dous sitios, qual mais pittoresco e sadio, principalmente frequentados por quem necessita recorrer a estes remedios naturaes, ou por quem simplesmente quer desenfadar-se do lidar da vida, em pontos aonde a natureza ostenta todo o primor de suas galas. Esses sitios são as Caldeiras, proximo da magnifica villa da Ribeira –grande; e o maravilhoso valle das Furnas. No primeiro ha abundancia de aguas sulphureas e ferreas, e todas as proporções para ali passar a estação propria quem quizer fazer uso d’ aquellas salutiferas aguas, ou simplesmente gozar a*

convivencia campesina que ali é bastante agradável. O segundo é tão arrebatador pelo bello e pelo pavoroso, que é impossivel descrever-se. Fumegam e restrugem as crateras, no meio dos mais deliciosos panoramas que possam imaginar-se. Em 1867, Ferdinand Fouqué, um químico francês, com as suas observações às águas termais do Vale, e outros químicos no século seguinte, seriam *fatais*, até aos dias que correm, para a sua credibilidade em termos terapêuticos. Para além da pequena descrição que faz daquele “petit vallon orné de jardins touffus et de charmantes maisons” [a mensagem é ligeira mas não deixa de ser valiosa para se inferir sobre qual a paisagem humanizada], no que concerne ao seu termalismo, Fouqué salienta que “L’ introduction de l’eau douce est indispensable pour obtenir la quantité de liquide nécessaire à l’alimentation des baignoires; mais elle a l’inconvénient de détruire complètement la fixité de composition de la petite quantité d’eau qui jaillit avec les gaz”. (*Les Eaux Thermales de L’île de San-Miguel, Açores, Portugal*, 1873). Em finais do século XX, a análise de Ferdinand Fouqué continua pertinente. Na sequência de um Relatório do Grupo de Trabalho para o Estudo do Termalismo na

Região Açores (Agosto de 1979), a Direcção Regional de Saúde (DRS), do Governo Regional dos Açores, informa, em 1982, a Autarquia ribeiragrândense de “que o estabelecimento termal das Caldeiras da Ribeira Grande não teria [diz-se: de momento], interesse para ser aproveitado no campo da saúde, nomeadamente para a realização de tratamentos termais” (CMRG, DAF, *Processos 36/11, 1982, e 36/73, 1985*). Para essa conclusão, entre outros pontos, foi tido em consideração o seguinte: “A nascente de água sulfúrica, hipertermal, ácida, das caldeiras da Ribeira Grande, tem um caudal reduzido, sendo posteriormente, aumentado com águas pluviais, o que lhe retira a sua pureza minero-medicinal. Tal facto já fora anteriormente focado nos relatórios dos químicos que executaram a sua análise, nomeadamente: 1872 Ferdinando [sic] Fouque, 1912 Engenheiro Charles Lepiérre, 1953 Engenheiro António Herculano de Carvalho”. Jorge Gamboa de Vasconcelos, Delegado de Saúde do Concelho ribeiragrândense entre 1940 e 1977, crítico de arte, Deputado à Assembleia Nacional, convidado, tal como outros, a se pronunciar sobre aquela carta da DRS, corrobora a sua posição, sendo também de parecer que:

É pois mais como valor turístico do que valor terapêutico que o balneário das Caldeiras, deve ser [diz-se: hoje] apreciado e mantido, o que não quer dizer que, no futuro, e depois da descoberta de novos valores crenoterapicos das suas águas, não possa vir a merecer mais amplo desenvolvimento adentro da Saúde Pública. Isto é mais uma razão para a sua conservação. (carta de 07.03.82; *Procs. 36/11, 1982, e, 36/73, 1985*). Apesar das observações dos químicos indicados e, muito posteriormente, das restrições alegadas pela DRS, da Região Autónoma dos Açores, as termas das Caldeiras da Ribeira Grande nunca deixaram de ser utilizadas por aquistas das mais variadas origens. Actualmente, a Casa das Termas, que quanto aos seus banhos continua a usar da *dosagem tradicional* das duas águas (a doce e a sulfúrea), bem como da aplicação de lamas retiradas da Caldeira Grande, abre todos os dias, excepto Sábados e Domingos, das 9:00h às 16:h00. A eles recorrem, essencialmente, para tratamento de doenças de pele e de reumatismo. A Senhora Odete Correia Melo, 55 anos, responsável pela preparação dos banhos, vive mesmo ali ao lado no lugar de Gramas, freguesia da Ribeirinha.

Período de ouro do Vale

É no dealbar do século XX e nas suas quatro primeiras décadas, de acordo com as referências que dispomos, que poderemos situar o período de *ouro* do Vale das Caldeiras.

Os seus moradores já não são na sua larga maioria, tal como dizem os Buller para a década de trinta do século anterior, da então Vila da Ribeira Grande, mas sim da cidade de Ponta Delgada. Pelo menos lá residiam. Basta confirmar os registos dos prédios urbanos até à década de trinta do século passado (cf. documentação no Museu de Ribeira Grande). Constituem uma elite social com muito bom gosto. Utilizem o Vale durante o Verão. Fazem *batalhas de flores* e *garden parties*. Criaram em 1896, uma assembleia, a *Assembléa Artística das Caldeiras*, cujo objectivo máximo visava “cultivar a musica e outras artes liberaes e tambem proporcionar aos socios e suas familias, reuniões dançantes, musicaes, jogos e outras diversões analogas no vale das Caldeiras, concelho da Ribeira Grande”. (Edição impressa, Ponta Delgada, 1896). Curiosamente, a maioria dos proprietários com habitações no Vale não assinam a constituição da *Assembleia Caldeirense*. Os jornais ribeiragrandenses da época, vão informando sobre as movimentações sociais do período estival. Uma notícia de *O Norte*, de 13 de Julho, de 1901, reza assim: “Caldeiras – Para este amenissimo Valle foram já algumas familias passar o tempo de verão”. Ou ainda o *Ecos do Norte*, de 5 de Agosto, de 1916: “Encontra-se já nas Caldeiras a veranear o Snr. Dr. Humberto Betencourt de Medeiros e Camara”, antigo Presidente da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada. O Cónego Cristiano Borges de Jesus, lagoense, a quem a Ribeira Grande muito deve, no *Album Açoriano*, de 1903, para a parte da Ribeira Grande, oferece ao Rei D. Carlos I a visão de um Vale idílico,

espaço de uma elite social com prazeres requintados, epicentro irradiador de um complexo paisagístico bastante alargado: *Nas proximidades da Villa da Ribeira Grande, a pouco mais de quatro kilometros para o centro da ilha, fica o pittoresco Valle das Caldeiras, que com as suas aguas thermaes sulfurosas, com os seus graciosos chalets, os seus deliciosos passeios e risonhos panoramas, constitue um dos quadros campestres mais garridos de S. Miguel. As Caldeiras são, por assim dizer, uma estação thermal d’élite, pois que, tendo uma dezena de habitações, ali só se reúne um limitado e escolhido numero de veraneantes. Passam-se os dias em bellos passeios, á Fonte das Lagrimas [os Buller também lá estiveram. Mais recentemente, os Amigos dos Açores. Cf. *Percurso Pedestre do Salto do Cabrito*, 1999], á nascente das Lombadas, á Lagoa do Fogo, ou ao Salto do Cabrito, ou ainda jogando, em lindos jardins, á sombra das arvores frondosas, entre o perfume das flores, o croquet e o tennis. A noite é na Assembleia, em danças, cantos, jogos e recitações, n’um convivio íntimo, alegre, familiar. A lucidez do Cónego Cristiano Borges de Jesus, “polemista de pulso”, “um predestinado, nascido e educado para dominar multidões que aos templos affluem a escutar os pregoeiros do Evangelho” (*Almanach Açores*, Anno II, 1905), nesse breve trecho, em nossa opinião, resume a dinâmica social das Caldeiras durante a existência da sua Assembleia. Octávio de Chaves Teixeira, 85 anos, frequentador do Vale desde os anos vinte do século passado, relembra com vivacidade a sua vida social. Salienta os jogos, à noite, no edificio da Assembleia, o *croquet*, os banhos na Casa das Termas, os passeios às Lombadas, à Lagoa do Fogo, ao Salto do Cabrito (*Testemunho*, Agosto de 2001).*

Madalena Vaz do Rego Silva Pacheco de Faria e Maia, 46 anos, diz que a avó, esposa do capitão Vaz do Rego, lhe contava que “as Senhoras de manhã estavam nas suas casas; depois do almoço, arranjavam-se, devidamente, e iam todas para a Assembleia. Era o ponto de encontro. As Senhoras bordavam e os Senhores jogavam com cartas” (*Testemunho*, Julho de 2001).

No início de Agosto de 1929, o Cónsul da Itália na Ilha de São Miguel, organiza um *garden-party*, largamente noticiado no *Correio dos Açores*: “Nas Caldeiras. O *garden-party* oferecido aos officiais italianos [do navio-escola ‘Cristoforo Colombo’, sendo seu Comandante Pietro Starita] pelo sr. Cónsul da Itália”, José Tavares Carreiro. “[O] sr. Cónsul [...] ofereceu [...] na sua esplêndida propriedade do Vale das Caldeiras um *garden-party*, que, decorrendo com a maior animação, assumiu as proporções de uma festa elegante e brilhantíssima” [notícia de 06.08.1929, segundo Arquivo do seu neto, Manuel Velho Tavares Carreiro Júnior, 65 anos, actual Cónsul do mesmo país na Ilha de São Miguel]. Para além de José Bruno Tavares Carreiro, participou no *garden-party*, o Dr. Luís Bettencourt de Medeiros e Câmara, um dos assíduos do Vale. Entre múltiplos sabores oferecidos, “Inumeros pares [romperam] no amplo terraço ao som dos fox-trots e dos tangos, volteando com vivo entusiasmo”. Um estudo atento das fotografias que Manuel Velho Tavares Carreiro Júnior possui desse *garden-party*, certamente, ajudará a perceber a *nata* social que participou na festa de seu avô. Para o mesmo ano, o literato, natural de Vila Pouca de Aguiar (1879-1961), Sousa Costa, escreve as *Ilhas das três formosuras*. É uma prosa que faz transbordar bucolismo para o lugar que ele nomeia como *Caldeiras de S. Vicente*: “Flôres, um delirio de

flôres. Arvores, um poder de arvores. Ao todo dez ou quinze vivendas, com os seus parques, com os seus jardins – todos no ar intimo de membros duma familia só!” O escritor ainda acrescenta: “[...] tudo respira ar de vida e saúde neste recanto de boleadas curvas e fragrantessências – e os passaros morrem exaustos de cantar”. Porém, face ao que, entretanto, pudemos apurar, o encantamento do Vale não parece suscitar grande criatividade artística. Vislumbra-se pouca poesia (para já, só temos conhecimento do caso de Laureano Almeida, alma de poeta, natural da

bordões de São José, que são azuis [hoje, com conteiras] os quais também se chamam *carapantos*”. (*Testemunho*, Julho de 2001). No ano de 1935, a *Sociedade Terra Nostra* apresenta num *Congresso Nacional de Turismo* uma tese a defender a necessidade de, face às suas “favoráveis condições de ordem geográfica e ordem moral”, a Ilha de São Miguel ser declarada *zona de turismo*. Todavia, apesar da proponente sobrelevar a importância das águas termais da Ilha, com vista à sua integração num turismo de *cura* e de *reposso*, omite as Caldeiras da Ribeira Grande como parte a integrar



Ribeirinha, Ribeira Grande), prosa (João de Melo) e pintura. Para esta última situação, uma surpreendente aguarela de António Crispim, ribeiragrandense de gema, encontra-se na posse da família do Capitão Vaz do Rego, residentes de longa data no Vale. Já a fotografia é mais abundante. O pintor Domingos Rebelo chegou a passear-se pelo Vale. Manuel Velho Tavares Carreiro Júnior, por legado de memória, da parte de sua mãe, Elisa Maria de Medeiros e Câmara, rememora: “Mestre Domingos Rebelo, tendo sido hóspede dos meus avós paternos, chegou ao Vale, sendo recebido por minha mãe. Quando chegou ao Vale olhou para a frente do prédio e, virando-se para a minha mãe, disse: ‘isto é uma *sinfonia azul*’. É que a barreira do prédio [poente] estava toda cheia de

num possível roteiro para aquele tipo de turismo. Da Ribeira Grande só realça a importância, como *costume popular*, das suas *Cavalhadas de São Pedro* e o tríptico [pensamos que o de Santo André] “de inestimável valor artístico” existente na igreja Matriz da então Vila. (*Ilha de S. Miguel, terra de turismo*, 1935). A anteceder os anos quarenta, ao que parece, a actividade da *Assembleia Artística das Caldeiras* começou a rarear. Álvaro Garcia Temudo da Ponte, natural da Matriz, Ribeira Grande, nascido em 1930, frequentador assíduo do Vale, desde tenra idade, recorda que na década de quarenta do século passado a *Assembleia* já não tinha qualquer actividade (*Testemunho*, Julho de 2001), situação essa que, hoje, ainda se mantém.

Meados do século XX

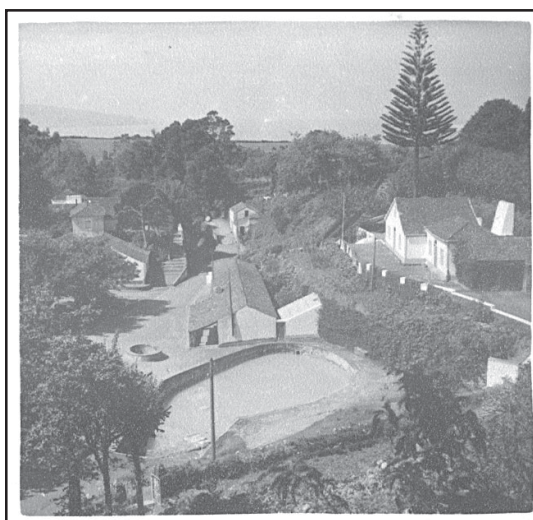
Em meados do século passado, o Vale continuará a ser procurado para fins minero-medicinais, pela sua água férrea, devido à sua paisagem natural e pelas romarias à Senhora da Saúde. O período estival, mormente, Junho, Julho e

chagas, terão de ir, de longada, às termas das Caldeiras e aos banhos da água prodigiosa da Ladeira da Velha”. Revistas e jornais não deixam de informar sobre as capacidades paisagísticas e termais do Vale: “As belezas naturais das Caldeiras da Ribeira Grande [...] são dignas de serem visitadas e a grandiosidade do Lago das Sete Cidades, observado das cumeeiras, é um belvedere obrigatório no roteiro do turista”. (*Viagem*, Revista de Turismo Divulgação e Cultura, n.º 87, 1948). Ao que se pode perceber, a divulgação turística intensifica-se para final do século. No entanto, consideramos ser um tipo de publicação de rotina, pequenas *tiras* aqui e acolá, centrando-se as mesmas no que concerne ao termalismo do Vale e ao seu enquadramento no amplo complexo paisagístico que inclui: Lombadas, Lagoa de Fogo, Salto do Cabrito e Ladeira da Velha, faltando a

Caldeira Velha, Monte Escuro, Lagoa de São Brás, Porto de Santa Iria. Para os anos cinquenta, a memória oral continua a dar conta de que o mesmo era todo rodeado de criptoméria, eucalipto, canforeira, acácia, plátanos, carvalhos, “com algumas pequenas clareiras”, assegura Álvaro Temudo. Havia, ligeiramente, a Norte da casa do Capitão Vaz do Rego, nas bermas de um arvoredo um miradouro, com o seu palheiro, conhecido por *vista da Ribeirinha* [hoje, ainda com reminiscências]; uma *caldeira de enxofre*, cujo seu forte cheiro matava pássaros [presentemente, extinta], bem como uma *Fonte*, chamada dos *Namorados* [também extinta], já que, quando em grupo, quem lá chegava em primeiro lugar e bebesse das suas águas teria casamento em breve tempo. (*Testemunho*, de Octávio de Chaves Teixeira, Agosto de 2001). A partir do leque de propriedades que foram expropriadas (*Diário do Governo*, II Série, n.º 154, 1961) para a construção da estrada que liga as Caldeiras às Lombadas (1962-1966, trabalho executado pela empresa de Agostinho Ferreira de Medeiros, freguesia da Ribeira Seca, Concelho de Ribeira Grande, actualmente, ainda ligada à construção civil), poder-se-á

reconstituir a paisagem natural para Poente do Vale: terrenos de pasto, de cultivo, de chá e de mata. A arborização também existia no seu interior: nele havia duas alamedas [ainda lá existentes], uma que passava pela mata do Capitão Vaz do Rego (plátanos), na parte traseira [nascente] da actual casa pertença de Viriato Moreira, morador na freguesia da Ribeira Seca, Ribeira Grande, a qual desemboca junto ao local onde se abrem covas para o célebre *cozido das caldeiras* [ao tempo de Frutuoso nelas pelavam-se cabritos e assavam-se ovos], e uma outra a poente da casa do actual herdeiro de José Tavares Carreiro, esta já sem arborização. Álvaro Temudo lembra-se da existência de bordões de São José no declive a poente da casa de Manuel Velho Tavares Carreiro Júnior, bem como de chá no lado poente da casa do Capitão Vaz do Rego. Em 1964, a Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada procede ao empedrado da estrada que liga a Ribeirinha ao Vale. O trajecto da anterior, térrea e com muitas covas (“às vezes os carros de praça recusavam ir lá acima; o seu custo era 20 escudos”, diz Álvaro Temudo), praticamente, manteve-se. A empresa de José Pereira Dâmaso, da freguesia da Matriz, Ribeira Grande, nos dias

que correm, ainda afecta à construção civil, é que efectuou o melhoramento dessa estrada. Ainda para a década de sessenta, a partir de uma fotografia, pertença do Dr. João Luís Toste, natural da freguesia da Conceição, Ribeira Grande, residente em Ponta Delgada, tirada no sentido poente-nascente; ou seja, junto à estrada que liga as Caldeiras às Lombadas, é de se inferir, apesar de incorrerem em risco, de que o Vale se encontrava rodeado de árvores, tal como hoje, estas formando como que uma espécie de anel, este bafejado por pastagens [a existirem, para a época, fotografias aéreas, certamente, todas as inseguranças serão dissipadas]. No final dos anos sessenta (1967), o Vale é considerado, pela Comissão Regional de Turismo das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, como um local digno de ser visitado.



Agosto, continua a ser o preferido. Carreiro da Costa, em 1948, na *Lição da Ribeira Grande*, escreve que: “Se os sequiosos e os doentes quiserem minorar a sua sede e os seus males, terão de recorrer a este concelho para nele beberem as águas das Lombadas e da Senhora da Graça, do Porto Formoso – e, se os sequiosos de enfermidades da pele quiserem pôr fim às suas



Romarias à Senhora da Saúde: rito campestre



Com um nome porventura associado ao benfazejo Vale (flora, água - doce e férrea - e termas), a Senhora da Saúde tem vindo a merecer ininterruptas romarias. A ermida actual foi erigida em pleno meado do século XIX (1850? Tal como a que se encontra em placa no seu frontespício?). O Prior Manoel Cabral de Mello, como resposta ao *quesito* governamental “Ha Ermidas, ou Capellas publicas na freguesia?”, informa que: “Ha dez [...], 10.ª Situada nas Caldeiras, a trez quartos de legoa ao Sul da Parochia; da invocação da Senhora da Saude; fundada ha poucos annos, por Dona Izabel Margarida Bottelho, sua familia e outras pessoas devotas, a instancias

do Sabio, e virtuoso Padre Mestre Frei José da Purificação, da extincta Ordem de San Francisco, meu Sancto Patriarcha. Não tem Serventuario. Tem de renda proveniente d'um juro 2400 rs”. Em nosso ver, as romarias à Senhora da Saúde constituíram-se como um *rito campestre* invejável. Álvaro Temudo recorda a festa de 15 de Agosto, onde a afluência de residentes da ex-Vila era grande. No Vale, para além dos momentos de religiosidade, a missa na ermida, a procissão no seu interior, os festeiros espalhavam-se pelas matas em seu redor, usufruindo de piqueniques coloridos. Octávio de Chaves Teixeira, ainda é do tempo em que, no dia da Senhora da Saúde, só se celebrava missa em seu louvor. Diz ele que chegou a ser sacristão em tais actos solenes. (*Testemunho*, Agosto de 2001). A procissão começou por iniciativa do “Senhor José da Costa, antigo sacristão da igreja Matriz da

Ribeira Grande. Ainda no tempo do avô do Senhor Manuel Velho Tavares Carreiro Júnior, só se celebrava missa”, assegura Maria das Mercês Berquó de Aguiar Viveiros, 71 anos. (*Testemunho*, Julho de 2001). Actualmente, a Senhora Maria das Mercês e muitas outras assíduas do Vale, nomeadamente as da família Vaz do Rego, é que asseguram a Festa em honra da Senhora da Saúde, promovendo um bazar, na casa da Assembleia, coisa que tem várias décadas, cuja receita reverte a favor da manutenção da Ermida e até mesmo daquela casa.

A partir de uma notícia (Agosto de 1993), quanto a nós exemplar para se perceber as romarias à Senhora da Saúde, o *Jornal Correio dos Açores* escreve nestes termos:

O dia 15 de Agosto tem uma tradição muito forte entre a nossa população – é o dia turístico do Povo que vai de passeio até às Caldeiras, onde passa o dia em contacto com a Natureza e convive com os familiares e amigos, principalmente por ocasião de refeição, toda ela à base de iguarias regionais, onde se destaca o peixe assado, o vinho de cheiro, a galinha

com arroz e abundância de fruta, não esquecendo a carne assada e o cálice de aguardente...

De tarde, como é tradição bastante alongada, a procissão da Senhora da Saúde, registando-se numerosa massa de forasteiros.

É um regalo este dia, vivido no Vale das Caldeiras entre cantares alegres [languidez, cisma açórica, acasalamentos, jogos com bolas nas pastagens, tendas de campismo nas orlas das já pouco extensas matas] e risadas de quem, uma vez por ano,



sai do seu habitual para respirar ar puro - a atmosfera límpida das Caldeiras.

Outras romarias também se faziam: as tardes dos Domingos eram passadas

nas Caldeiras, onde as suas matas e pastos eram vestidos com mantas e capachos. Álvaro Temudo recorda: “Quando tinha 8 ou 9 anos, aos Domingos, depois da missa, preparavam-se carros de bois e carroças, onde nos eixos destas se amarravam os farnéis; ia-se cantando por aí acima; parava-se junto da água férrea [na rampa de entrada do Vale, lado poente]; bebia-se qualquer coisa; mais acima, nas matas, ou numa pastagem ali ao lado, estendiam-se os capachos e as mantas e comia-se qualquer coisa; à tarde, depois do almoço, preparavam-se umas *canas-da-índia* [bambu] e *novelões* [hortências], enfeitando-se as carroças para o regresso. Algumas pessoas levavam guitarras, onde havia *cantinelas*. Eram passeios lembrados 15 dias antes e 15 dias depois”.

Na terça-feira do Senhor Salvador do Mundo, o povo da Ribeirinha também se deslocava para o Vale para, na linguagem popular, entre as suas matas, *roer os ossos*. “Algumas famílias iam para as Caldeiras com o resto que havia da festa”, assevera Álvaro Temudo.

‘Alindar as Caldeiras’



No último quartel do século XX, um duplo facto parece emergir em volta do Vale das Caldeiras: um estado de abandono, seguido, lentamente, de uma requalificação ao nível do seu espaço público (Largo, Casa das Termas). Em 1971, data que parece coincidir com a abertura do único restaurante instalado nas Caldeiras (o *Restaurante Caldeiras*), aberto por Manuel da Ponte Tavares Brum, cujo um dos filhos ainda o mantém em funcionamento, no *Correio dos Açores* lançava-se o repto: o Vale apesar de muito visitado não dispunha de condições de agradabilidade. “Toma-se urgente fazer alguma coisa para tornar este aprazível lugar numa capaz infraestrutura do nosso turismo. [...] Estamos a pensar, entre outras coisas, na defesa da chamada casa da assembleia; na construção de uma residencial; no serviço permanente (Verão e Inverno) dos banhos; num parque para estacionamento de carros; num local para práticas desportivas, principalmente ténis e *croquet* [e até

mesmo o campismo, coisa que o Vale sabe bem proporcionar. Por exemplo, em 1952, lá existia uma Colónia de Férias]”.

Para os veraneantes com moradias nas Caldeiras, a década de setenta e a seguinte, são períodos onde a persistência do sossego, o contacto com a natureza, na busca das suas águas e frutos silvestres, o convívio, predominam, prolongando, assim, um dado histórico persistente.

Porém, Domingos Amaral, natural da freguesia de Rabo de Peixe, Ribeira Grande (81 anos), reformado, em Março de 1985, através do *Diário dos Açores* [artigo que ainda não tivemos acesso], desencadeia, novamente, a polémica em volta do continuado abandono e degradação do Vale. (*Testemunho*, Julho de 2001).

As reacções camarárias não deixaram de se fazer sentir. Fernando Monteiro, Engenheiro Agrónomo, mariense, já falecido, na altura vereador da Câmara ribeirão-grandense, em 30 de Abril, de 1985, atento às preocupações do articulista, alerta o elenco autárquico para o seguinte: “A zona das Caldeiras da Ribeira Grande – beleza natural e histórica – de elevado valor paisagístico está a passar por uma fase degradativa galopante e quase irreversível, designadamente as Termas, a Assembleia, a Casa de Federação, a pintura das habitações etc., que urge da

parte da C[âmara] M[unicipal] uma atenção urgente e positiva”. (*Procs.*: 1982 e de 1985).

Contudo, as respostas ainda haviam de se arrastar. Dinarte Miranda, ribeirão-grandense, natural da freguesia da Ribeirinha, comerciante activo na cidade da Ribeira Grande, outro vereador da dita Câmara, em 14.02.86, recoloca a questão, propondo à mesa camarária o seguinte: “1º Alindar o Vale das Caldeiras, plantando arvores e arbustos próprios, à semelhança do Vale das Furnas. 2º Mandar colocar bancos de jardim e algumas mesas típicas dos parques. 3º Tornar funcional as suas termas, retirando os balneários, substituindo as canalizações [sic] e banheiras, caiar, pintar, etc, etc. 4º [Propõe] ainda [à] Câmara mandar elaborar um, projecto, do que vai ser, em termos futuros, as Termas da Ribeira Grande [...]”. (cf. *Procs.* indicados).

Entretanto, no ano de 1987, como que a regressar às origens, pelo menos de quem a mandou construir, em Auto de Cessão, a título precário, a Direcção Regional do Tesouro cede à Câmara Municipal de Ribeira Grande a Casa das Termas das Caldeiras. (ver *Procs.*). Tal edifício foi inscrito pela primeira vez na matriz predial, em nome da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, no ano de 1937. Hoje, continua a ser propriedade da Região

Autónoma dos Açores. Na sua fachada principal ainda se encontra incrustada a data de 1811, bem como nela está afixada uma placa a indicar: “Património da Junta Geral”.

Por fim, é na década de noventa que a autarquia ribeirão-grandense dá início à requalificação do Vale. “Abandonadas durante muito tempo [escreve o *Açoriano Oriental* de 22.08.96] por anteriores governações autárquicas [...] as Caldeiras, localizadas a meio caminho entre a Ribeirinha e o vale das Lombadas, estão a sofrer profundas alterações. Desde o Verão passado que a Câmara Municipal tem realizado obras de embelezamento, protecção paisagística e patrimonial da zona”. Tal “embelezamento e protecção paisagística”, revela-se na introdução de alguns *tiques* urbanos num espaço, imensamente, rural: joga nos passeios e em redor das duas caldeiras, asfalto, iluminação pública, bancos, sanitários. Todavia, a “protecção patrimonial” parece mais complicada em se afirmar. Curiosamente, no Vale não têm sido acrescidos edifícios aos já, de longa data, ali existentes, excepto pequenas casotas de apoio à lavoura. Contámos dezoito, inclusive, Restaurante, Casa das Termas, Ermida, ruínas do antigo depósito da Empresa das Águas das Lombadas e uma moradia transformada, ao que se pode perceber

(não vimos o seu interior), em armazém. Depois de descoberto, diríamos que de um modo massivo, o Vale, neste início do terceiro milénio depois de Cristo, continua a sofrer de alguns males: vegetação descuidada, a lembrar o devasso; abate de árvores, tornando-o com aspecto árido (o Vale, envolvido por arborização, só prolongada na sua ribeira, possui grande variedade de plantas: criptoméria, acácia, giesta, eucalipto, pinheiro, palmeira, cedro, carvalho, limoeiro, chá, laranjeira, plátano, incenso, flores das mais diversificadas); excesso de carros, onde não faltam as lavagens clandestinas; e excrescências consumistas várias. Parece que o repto do *Correio dos Açores*, de 1971, no seu essencial, ainda está por resolver; por outro lado, na óptica dos históricos das Caldeiras, a sua originalidade incorre no risco de se perder. Para Octávio de Chaves Teixeira, do sossego de outrora, o Vale passou a um tormento (*Testemunho*, Agosto de 2001). Colocando-se de parte os melhoramentos sofridos, o Vale das Caldeiras da Ribeira Grande é um excelente exemplo para suscitar uma reflexão sobre quais deverão ser as responsabilidades do corpo social em relação à Natureza, seja esta natural ou até mesmo humanizada.

Outra Bibliografia: Augusto Branco Camacho, *O Bem Comum, 40 anos de administração distrital, 1926-1966*, Ponta Delgada, 1966; Cristina Rodrigues Sampaio, *Caldeiras da Ribeira Grande, Banhar e comer às portas da natureza*, *Jornal Correio dos Açores*, 22 de Julho de 2001; João Emanuel Cabral Leite, *Estrangeiros Nos Açores No Século XIX, Antologia*, Signo, 1991; Marquez de Jacome Corrêa, *Leituras Sobre a História do Valle das Furnas*, MCMXXIV; Mário Moura, *Memórias da Ponte dos Oito Arcos da Ribeira Grande*, Instituto Cvltvral de Ponta Delgada, 1996; Mário Moura, *O Arcano da Ribeira Grande*, Salamandra, 1999 [ao autor: agradecimentos pelos conselhos científicos]; Verbo, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Volumes 6 e 17.



JOSÉ DÂMASO & FILHAS, LDA.

Basaltos

Extracção | Serração | Acabamentos
Objectos Decorativos | Pavimentos
Cantarias | Britas | Sarriscas | Exportador
Aluguer de Máquinas | Transportes

Sede: Largo do Rosário, 129 | Tel.: 296 472 375 | Fax: 296 472 926
Inst. Industriais: Rochinha Preta | Tel.: 296 472 824
9600 RIBEIRA GRANDE | S. Miguel | Açores